

MULHER E PAZ

Um tributo à Mulher Guineense



Artigos de interesse especial:

- ACTIVIDADES VOZ DI PAZ.....p.3
- AS MULHERES DA MINHA TERRA.....p.5
- MULHERES PELA PAZ - ENTREVISTAS.....p.8

Editorial Pág.2

O que são os ERD? Pág.2

Imagens do Quotidiano Feminino Pág.7

Homenagem a Figuras de Paz: Djariatu Baldé Pág.11

Eco da Voz di paz I DI NÓS Pág.12

EDITORIAL «Mulher é Paz»

Certas associações de palavras são, à primeira vista, tão evidentes que soam como um pleonismo. Mulher e a paz entram nesta categoria. Associar as duas palavras levanta o eco de uma repetição. O efeito é similar para mulher e vida. Pois, a mulher dá a vida.

No entanto, nem sempre foi assim na mentalidade popular, nem na história da humanidade. Em muitas culturas a mulher aparece como um pomo de discórdia. Assim, na mitologia grega a bela Helena é a causa da guerra entre Gregos e Troianos. Nas lendas da Europa do norte, as *valkyries*, mulheres em cavalos com asas, decidem quem vai morrer no campo da batalha. Quanto às fabulosas Amazonas, cujo território a lenda coloca nos confins do Mar Negro, elas teriam edificado uma sociedade baseada na arte da guerra feita por mulheres que iam até privar-se de uma mama direita, cortada para melhor permitir manejar o arco, e excluía o casamento e mesmo os homens válidos da sua companhia.

Mas as lendas e a história estão também repletas de figuras femininas evocadoras de sacrifícios para a paz. Para escolher, desta vez um exemplo, em África, apraz apontar a figura da Abla Poku, princesa Baulé* que, por amor ao seu povo que fugia à guerra, foi capaz de sacrificar o seu filho para abrir através do tumultuoso rio Comoé o caminho da salvação e paz noutra margem.

Esta capacidade de dar a vida e sacrificar-se pela paz aparece como um traço singular da mulher. Ela confirma que apesar de lendas belicistas pregadas pelos homens às mulheres, a expressão mulher e paz é mesmo um pleonismo. Então, porque não dizer simplesmente, mulher é paz?

* Baulé, etnia do grupo Akan no sul da Côte d'Ivoire. O seu nome faria referência ao sacrifício do filho da princesa Abla Poku que teria dito: "Baulé" isto é "Morreu a criança".

Fafali Koudawo

Director de Pesquisa
«Voz di Paz»

O que são os ERD - Espaços Regionais de Diálogo?

Fafali Koudawo

O conceito Espaço Regional de Diálogo (ERD) foi desenvolvido como uma inovação nos processos sociais implementados depois da guerra de 7 de Junho (1998). É uma das maiores inovações no domínio da consolidação da paz na Guiné-Bissau. O seu surgimento é fruto de uma reflexão sobre as vias e os meios para melhor enraizar a paz, tornando-a propriedade das populações na base.

A emergência deste conceito leva em conta a especificidade da sociedade guineense e a necessidade de promover espaços de intercâmbio regular, susceptíveis de contribuir para diminuir as tensões recorrentes cuja acumulação origina frequentes surtos de violência. Trata-se, portanto, de espaços de construção da paz na base através do diálogo inclusivo, da troca de experiências, do convívio na diversidade, da coligação das forças positivas locais a favor de objectivos pacíficos.

Assim, o espaço regional de diálogo é o instrumento de uma pedagogia da paz fundada na estimulação de uma consciência da necessária "pacificação" das relações locais como antecâmara do desenvolvimento económico e social. Para o efeito, o espaço regional de diálogo é chamado a valorizar, desenvolver e a difundir ferramentas e abordagens de transformação de conflitos.

Desde 2007, a Voz di Paz criou um total de 10 ERD, uma ou duas por região administrativa em função das especificidades geográficas e sociais.

O ERD é uma estrutura regional, criada no âmbito da Voz di Paz.

- É um elo de ligação entre a estrutura central da Voz di Paz e as populações;
- Funciona como uma estrutura flexível, gozando de uma larga capacidade de iniciativa;
- É constituído por um núcleo de personalidades criteriosamente escolhidas, em função da sua capacidade de servir de missionários abnegados da paz, encarregues de alargar, sem restrição nem exclusão, o espaço de diálogo a todas as esferas sociais e geográficas da região e do país;
- É o motor da apropriação das iniciativas de consolidação da paz no âmbito da Voz di Paz e obra para o enraizamento local de um processo inclusivo de diálogo nacional.

Os ERD são constituídos por individualidades criteriosamente seleccionadas em função da sua capacidade de ser agentes e catalizadores de dinâmicas locais de enraizamento da paz.

As funções dos ERD são definidas por um quadro de referência consensualmente elaborado e adoptado. O quadro de referência clarifica a natureza do ERD, define o perfil dos seus membros e detalha as funções específicas articuláveis com as tarefas gerais das estruturas centrais da Voz di Paz.



Actividades Voz di Paz – Abril 2010



O mês de Abril foi colocado sob o signo da formação e reforço de parcerias.

- No início do mês, a Voz di Paz apoiou a concretização de uma iniciativa salutar visando mudar as mentalidades no Sector de Nhacra, que tem uma imagem execrável como ninho de roubos e violências. A iniciativa foi baptizada como *“Voz di Paz luta contra o roubo, violência e delinquência juvenil”*.

Os membros do Espaço regional de Dialogo de Oio estiveram nesta promoção da cultura de paz que contou com uma palestra do Prof. Fafali Koudawo intitulada *“Práticas nefastas, conflitos e paz”*.

Um dos momentos altos desta iniciativa foi a luta tradicional que congregou os melhores lutadores balantas da região. O resultado saudado por todos foi a ausência total de violência ao longo de manifestações e competições, que em termos gerais têm sido nos últimos anos lugares de ajustes de contas entre grupos de jovens temerários adeptos da violência.

- A Voz di Paz apoiou também uma iniciativa do Espaço Regional de Diálogo da região de Cacheu em parceria com a associação da juventude local. Intensas actividades culturais tiveram lugar nos dias 16, 17 e 18 de Abril na cidade de Canchungo onde entre outros préstimos da Voz di Paz, Manuela M. Mendes deu uma palestra sobre os *“Fundamentos da cidadania e paz”*.

- No dia 24 de Abril, no liceu



João XXIII em Bissau, a Voz di Paz apoiou uma formação em matéria de gestão de conflitos, organizada pela Comissão interdiocesana justiça, paz, direitos humanos e desenvolvimento. Fafali Koudawo orientou um atelier interactivo sobre as causas de conflitos, os tipos de conflitos, e os modos de resolução de conflitos.

- A parceria com a Assembleia Nacional Popular na organização da Conferência nacional: *“Caminhos da reconciliação, paz e desenvolvimento”* traduziu-se ao longo do mês pela participação nos preparativos deste que será um grande acontecimento nacional.

Emissões Radiofónicas do mês de Abril de 2010

Durante o mês de Abril de 2010, a Voz di Paz, em parceria com a Rádio Sol Mansi, produziu programas radiofónicos sobre a má governação e os conflitos. Assim:

- A 06 de Abril, o tema da emissão foi: *“Más práticas políticas: fraudes eleitorais e conflitos em África”*; A emissão salientou a falta de confiança nos princípios democráticos, o apego ao poder, a instrumentalização do poder, e as modalidades de fraude, tanto no processo eleitoral como na proclamação dos resultados;

- A 13 de Abril, o tema foi: *“Má governação e conflitos: desequilíbrios do poder que geram conflitos”*; Aqui, analisou-se aspectos tais como o difícil equilíbrio a nível das instituições; a fraca cultura institucional; a tendência à personalização do poder; o fraco respeito pelos princípios de limitação do poder inerentes à democracia e a fraca tradição de descentralização;

- A 20 de Abril o tema foi *“Más políticas e conflitos: enfraquecimento das Instituições”*, destacando o enraizamento do poder pessoal, a instabilidade política e institucional, a instrumentalização das instituições para fins políticos, entre outros.

- A 27 de Abril foi produzida uma emissão sobre o tema da corrupção, sua definição, formas, tipos e agentes de corrupção como factores de conflitos.

Actividades com espaços regionais de diálogo - Abril de 2010

Durante o mês de Abril, a equipa de Voz di Paz esteve nas regiões de Bafatá e Gabú, para encontros de trabalho com os espaços regionais de diálogo, com os seguintes objectivos:

- Apresentar informações sobre as mutações institucionais na Voz di Paz; a nova estrutura e seu funcionamento, os membros etc.

- Assistir à programação das actividades dos espaços regionais de diálogo para o restante ano de 2010.

Os ERD de leste tiveram os seguintes programas:

Programa do ERD de Gabú

1. Realização de um torneio transfronteiriço de Paz em Pirada previsto para o mês de Maio de 2010;
2. Encontro de luta livre em Setembro de 2010 em Sonaco;
3. Provas de ciclismo e atletismo , previstas para o mês de Novembro 2010 em Pitche;
4. Realização de um programa radiofónico intitulado “Djumbai de Paz”, em associação com duas rádios comunitários na cidade de Gabú no dia 24 de Setembro de 2010.



Programa do ERD de Bafatá

1. Realização de um encontro desportivo transfronteiriço em Cambadju com a participação de Salquenhe; o tema de sensibilização serão as crianças talibés e a fronteira, no dia 1 de Junho de 2010.
2. Encontro de danças tradicionais e canções de paz de diferentes grupos étnicos em Bambadinca no dia 13 de Novembro de 2010.
3. Realização de actividades desportivas de confraternização entre agricultores, criadores de gado, pescadores e pais e encarregados de educação em Bafatá no dia 11 de Dezembro de 2010.



Sede da ONG Mers Bodjer e do ERD de Biombo



*Membro ERD de Mansoa
Co-organizadora do
Kussundé sem violência,
Março 2010*



Sessão de trabalho do ERD da Região de Cacheu



«AS MULHERES DA MINHA TERRA»*

Joacine Katar Moreira



Pano Preto



Pano de Pinti



Pano Legos

Fotografias IMVF (Sandra Oliveira)



Pretende-se neste álbum de Histórias de Vida, a apresentação individual de mulheres guineenses, numa procura de conhecimento e valorização das diversas experiências e percursos, entendidos como fontes de aprendizagem e de inspiração.

A singularidade de cada mulher, permite-nos chegar ao colectivo, fazendo uso das *micro-histórias* para a construção de Histórias de Vida de Mulheres da Guiné.

É com prazer que escrevo este Prefácio, sendo eu uma dessas mulheres e sendo, principalmente, o resultado das suas vidas.

Como muitas mulheres entrevistadas, a minha vida contém episódios de migração, da separação e do reencontro. Reencontro com os meus e reencontro com a Guiné. Com base nas experiências e vivências destas mulheres, de forma simbólica, podemos dizer que as mulheres guineenses vivem com pelo menos três panos ao longo das suas vidas:

- O pano preto, o pano di pinti e o legós.

O pano preto, como cantou Zé Carlos Schwarz (*mindjeris di pano preto*), é o pano do pranto e da dor, dor de corpo e dor da alma, derivado de partidas, separações, do abandono pelos companheiros e da despedida e ausência dos familiares.

É sofrimento causado pelo desespero, pela carência de bens e a procura quotidiana de alternativas. Esta dor é também causada pela instabilidade e

pelas dificuldades que têm impedido o regresso dos filhos à Guiné. É ela também, a provocadora de nostalgia sofrida, da exaltação do passado quando comparado com o presente...e vice-versa.

O segundo pano, **pano di pinti**, que embora não seja tradição de todas as *culturas* guineenses, pode ser simbolicamente visto como o pano Real da Guiné, porque o pano di pinti é o pano do *bambaram*, onde as mães trazem os filhos às costas, sendo assim o pano da união e da maternidade.

Com padrões normalmente de cor neutra (os padrões e as cores dependem do tipo de cerimónias), este pano é marcado pelo simbolismo, pela força e pela tradição. Força da Mulher Grande e esperança da Padida. Este pano é o pano do regresso à Guiné, pois aqui se enquadram as cerimónias tradicionais que levam muitas migrantes a regressar ao país natal, para não ferir os antepassados e para proteger e iluminar o caminho dos seus descendentes.

Por fim o **pano legós**, apelador dos sentidos, alegre e por vezes brejeiro. O legós representa o quotidiano e o social. Ele é prazer e comunicação, vaidade e feminilidade. O legós é festa e gargalhada. É o pano com o qual comunicamos na diáspora, que vestimos quando nos queremos sentir próximos *di tera*.

O deambular, os corpos apertados, coloridos e adornados pelo legós são a chama ardente da sedução e da africanidade.

Sou filha de Elsa Katar Madi e de Quinzinho Moreira. Neta de Nonó Barbosa, enfermeira, e da falecida Queta Vieira. Queta de Aliu Katar Madi. Nonó, Nonó de Nána, Nána de Farim, que vivia em Belém.

Assim se apresentam as mulheres da Guiné, país em que, mais significativo do que o «quem somos» é o «de quem somos», pois a identificação colectiva é mais importante que a individual. Isto não retira a individualidade a cada um, apenas acrescenta história à sua existência enquanto tal.

Os três panos em conjunto simbolizam a vida e as suas diferentes fases. Assim como as fases da vida podem-se fundir e confundir, os panos também podem usados juntos e de várias maneiras.

A capacidade de substituição dos panos e a sua utilização «psicológica» em determinadas situações pode significar a garantia de sobrevivência para muitas mulheres.

As mulheres da Guiné são sobreviventes natas do jogo da vida. São «engenheiras» por natureza, aquelas que se formaram na procura de soluções quotidianas para os desafios dos tempos.

Mas também podem ser ameaçadoras, sabotadoras e vingativas. Mulheres de sangue quente e língua de faca. Que tudo fazem para proteger os seus, como mães leões, perante o inimigo.

A migração poucas vezes trouxe paz à mulher guineense. Normalmente o destino das migrantes é apimentado por mais desafios, quer pessoais, quer profissionais. Mas aquilo que mais pesa na migração, para as nossas mulheres, é a educação e acompanhamento dos filhos noutros contextos que não o seu original. Num espaço aonde elas também se tentam adaptar.

Porquê um álbum de histórias de vida de mulheres guineenses? Porque são histórias de valência, de sobrevivência e de esperança.

De guineenses porque procuramos mulheres de cultura e experiência diversa,

assim como é o mosaico étnico da Guiné-Bissau. Mulheres papéis, manjacas, fulas, bijagós, mancanhas, entre outras, que são sobretudo guineenses - pois a miscigenação tocou a todas - e acima de tudo mulheres.

Joacine Katar Moreira

Consultora do Projecto «Rostos Invisíveis» do IMVF e Investigadora

*Prefácio do Livro *Storias di Mindjeris*, edição do IMVF e de Joacine Katar Moreira, realizado no âmbito do Projecto «Rostos Invisíveis», uma iniciativa IMVF, NEP/CES e IPAD.



Storias di Mindjeris

Histórias de Vida de Mulheres da Guiné-Bissau. Autoria da ONGD Portuguesa IMVF e de Joacine Katar Moreira



Projecto «Rostos Invisíveis»

Coordenado pelo IMVF (Ana Isabel Castanheira), este projecto visou contribuir para uma melhor integração da abordagem de género nas políticas de cooperação, enquanto catalisador do desenvolvimento e erradicação da pobreza. O objectivo específico foi sensibilizar e informar, numa perspectiva de género, para os múltiplos papéis, mecanismos e causas associadas às práticas violentas no Brasil e Guiné-Bissau.

Pretendeu-se com o álbum **Storias di Mindjeris** prestar uma homenagem à Mulher Guineense, através do reconhecimento e divulgação das suas histórias de vida: as dificuldades sentidas; os desejos; o que as preocupa e o que as motiva.



“De longe entre as sete colinas vejo-te mulher-grande sofredora e meiga Imagino-te suave como quem diz amor”

(Tony Tcheka, 2008, Guiné)



Maria Leonor Barbosa (Nonó), enfermeira
In *Storias de Mindjeris*/ Fotografia de Neni Glock

“Só Mulher, tão Mulher”

Mulher da Guiné

Sorriso suspicaz

Paz e sossego em corpo fêmea

Na hora do Kufentu

No rufar dos macaréis

Na kasabi

Libertas amor

E orquestras

Sinfónicas risadas

- És mulher crescendo

De mansinho

Só mulher

Tão mulher!

Tony Tcheka
in *Guiné, Sabura que dói*, 2008

IMAGENS DO QUOTIDIANO FEMININO



Buscando a água - bem essencial do quotidiano



Carregando água para as necessidades do dia



Cuidando dos filhos e outras crianças



Gerindo e cuidando da sua casa e dinamizando a sua Tabanka



Cozinhando para alimentar a sua gente, e não só...



Produção e comércio: produtoras de óleo de palma



Trabalhando para a Paz: Mulher arbitrando a luta no Kussundé



Participando activamente na vida social e cultural: Djidia (cantora tradicional)

MULHERES PELA PAZ- Entrevistas



As Vozes que se seguem são vozes femininas, de gente determinada, a quem o facto de nascer mulher africana, neste caso guineense, não comprometeu a formação, o sucesso e a liberdade, num continente muito marcado pela desigualdade. Filomena Mascarenhas Tipote, Manuela Mendes e Nazaré Baticam responderam por escrito a 8 questões sobre a importância e a responsabilidade de se ser Mulher e da contribuição das mulheres para a Paz.

QUESTÕES:

- 1 - Como evoluiu a situação da mulher na Guiné, da independência aos nossos dias?
- 2 - Quais são os desafios e as exigências que se colocam à mulher guineense hoje?
- 3 - Atendendo ao seu percurso, como se caracteriza enquanto mulher?
- 4 - Que papel gostaria de desempenhar na sociedade?
- 5 - Como faz para conciliar a vida profissional com a vida familiar?
- 6 - Como perspectiva o lugar da mulher na sociedade guineense nas próximas décadas?
- 7 - Gostaria de fazer tributo a alguma mulher? Por que motivos?
- 8 - Que contributo especial a mulher pode dar para a paz na Guiné-Bissau?



Investigadora da Voz di Paz, Bissau

Filomena M. Tipote

«Sou sortuda e orgulhosa, por ter a família que eu tive, que me inculuiu os valores do trabalho»

alianças duvidosas. Todos esses factores acabam por limitar o acesso à participação política das mulheres e em consequência a lugares de decisão.

Já no aspecto social existe uma inversão de valores na medida que assistimos cada vez ao aumento de número de mulheres como chefes de família.

Os desafios são muitos e a todos os níveis. Cada vez mais assistimos a uma maior concorrência em tudo, pelo que nós mulheres, dado o nível em que estamos, isto é, em tudo na última posição, se a um homem é exigido salto em 2 degraus para a mulher deverão ser 4 degraus de forma a satisfazer as exigências e a superar os preconceitos que existem em relação à mesma. Isto só é possível apostando numa educação caseira que não inferiorize a mulher, mas que lhe dê auto-estima e uma formação sólida, não de ir buscar um papel mais sim o saber.

A primeira coisa que eu digo é que sou sortuda e orgulhosa, por

ter a família que eu tive, que me inculuiu os valores do trabalho. Para mim tudo o que nós somos é fruto do nosso esforço duma maneira ou de outra e que na vida nada se dá de graça e de bandeja.

4 Eu gostaria de desempenhar o papel de um cidadão que vai dando seu contributo dia após dia para que este país mude e avance.

5 Quando estou em casa é dela que eu ocupo e o mesmo me acontece quando estou no trabalho. É verdade que a actividade profissional acaba roubando mais tempo sobretudo quando viajo para o interior do país.

6 Não gostaria de ser pessimista, mas o meu raciocínio e o que vejo dia-a-dia me leva a uma triste perspectiva, por uma simples razão: hoje existe uma tendência de conseguir tudo sem qualquer esforço e somos nós mesmas a julgarmos de legítimo este facto que o homem tem o dever de nos dar. Em consequência, esta maneira de ver e levar a vida leva-nos a uma maior dependência dos homens e quando é assim, nos roubam a nossa dignidade e até a nossa própria alma.

7 Faço tributo à minha própria mãe, não por ela ser minha mãe, mas sim, por que é uma mulher que eu conheci sempre a trabalhar e nunca parou de trabalhar. Não teve instruções académicas mas foi sempre uma mulher independente e com boas intenções para com os outros.

8 O contributo especial da mulher é, em primeiro lugar de educar os filhos com os valores de paz, dizer a verdade, não pegar nos pertences dos outros e o valor ao trabalho. Em segundo ser mais interventiva na busca duma paz duradoura na Guiné-Bissau usando de suas redes quer formais como informais, sobretudo rejeitar a atitude de fuga "Nha boca ka sta la".



Manuela Mendes

«As mulheres na Guiné actualmente são a força, os pilares das famílias»



Investigadora da Voz di Paz, Bissau

1 A situação da mulher na Guiné na verdade evoluiu bastante. Da independência aos nossos dias muita coisa aconteceu. A mulher conseguiu a sua emancipação, embora parcial. Muitas ainda permanecem em casa sem trabalhar porque os maridos não querem, não gostam que trabalhem! Muitas ainda choramingam nos cantos, porque os maridos decidem mandar os filhos para a mendigação no Senegal ou noutras localidades fora do país com o intuito de aprenderem o Corão, sem serem tidas nem achadas. Mas, algumas já ousam contrariar trabalhando, rejeitando os casamentos precoces, etc. As mulheres filiadas em algumas formações políticas já não se contentam com os lugares suplentes nas listas de candidaturas para o Parlamento. As mulheres na Guiné actualmente são a força, os pilares das famílias; são elas que, com a crise mundial presente, suportam todas as despesas do lar, a maioria com as suas actividades informais. Contudo, é bom dizer que muita coisa ainda falta por fazer. A emancipação total é um processo assim como a observância de todos os princípios que erradicam a discriminação e o machismo

2 Hoje a mulher guineense enfrenta grandes dificuldades. As dificuldades são de variáveis níveis. A nível económico, laboral, social, etc. Enquanto profissional, mãe, esposa e individualidade activa em todas as questões actuais, deve se empenhar ainda mais para educar os mais novos e a todos os que precisam para um exercício

exemplar da cidadania. A cidadania na Guiné está em crise. Só um trabalho árduo da mulher pode ajudar a restaurar esse valor. A Voz di Paz está a trabalhar nisso também. Os mais novos já não sabem quais são as boas maneiras de uma boa convivência, a delinquência juvenil está cada vez mais saliente e preocupante, em fim, há uma degradação galopante dos valores sociais. Por isso, devem merecer a atenção de todos, jogando a mulher um papel preponderante.

A par disto está o contínuo processo da materialização do princípio da igualdade. Deve-se investir com qualidade e critérios tudo o que faz.

3 Sou activa e “quase” realizada. Digo quase realizada porque enquanto mãe (com 4 filhos), estou satisfeita. Na área laboral, não tenho nada a queixar. Tenho contribuído para o meu país na justa medida em que o faria um genuíno filho da pátria. Ainda penso dar mais.

4 Gostaria de desempenhar um papel de apaziguadora, como tenho tentado. Um papel activo que sirva aos guineenses em geral e à minha família em particular.

5 Sacrifico um pouco de cada parte da vida familiar e profissional. Mas, falando sinceramente, o meu trabalho acaba por ganhar mais em detrimento da vida minha familiar, pois passo todo o dia no trabalho, chego à casa muito tarde. Saio de lá muito cedo e só volto às 19H00. Mas nos momentos em que permaneço em casa aproveito o máximo para compensar, sobretudo para com os mais pequenos, dando à família os mimos que só uma mãe pode dar.

Apraz-me fazer este sacrifício porque estou convicta que estou a contribuir para um país melhor. Por isso não hesito em abandonar o meu filhote de apenas 4 meses de

manhã até à tarde para poder conciliar o meu trabalho com as leccionações que levo a cabo na formação, quiçá, dos meus substitutos.

6 No pináculo efectivo da direcção deste país. Ou seja no lugar cimeiro das decisões, pois até lá os homens já estarão consciencializados de que devem ceder, não entrar em guerra com as mulheres por causa do poder e de outros lugares de decisão que não implicam necessariamente o poder. Não estou a dizer com isso que dêem lugar às mulheres, que lhes façam favor, que sintam pena, não. Elas têm que lutar, conquistar com muito labor esse espaço. O que está a acontecer na realidade guineense é que as mulheres é que são verdadeiras donas de casa; sobre elas está todo o peso da família, são elas que se angustiam mais com todos os sabores que este país traz, em todos os níveis. Elas é que patenteiam atitudes/decisões sensatas.

7 Quero prestar tributo não a uma mas, a muitas que se contentam com o pouco do resto que os maridos lhes trazem. Gostaria de apelá-las para se erguerem. Ficar em casa sem trabalhar porque o marido não quer ou não gosta, não é solução e nem deve constituir um modo de vida cómodo.

8 A mulher deve reforçar a educação dos filhos. Uma vez que ainda não detém as rédeas do poder, deve organizar-se no sentido de fazer os companheiros desenvolverem acções que perenizem a paz; que convidem o investimento estrangeiro, por fim, que direccionem o país para o desenvolvimento. Não esqueçamos que o desenvolvimento condiciona a paz. Devem apoiar no máximo os trabalhos que a Voz di Paz está a desenvolver no país e além fronteira.



Nazaré Baticam «A mulher como mãe, poderá orientar os seus filhos para a paz na Guiné-Bissau»



1 Acho que a situação da mulher na Guiné-Bissau da independência aos nossos dias evoluiu de uma forma contínua e positiva. Logo depois da independência, não se falava da participação de mulher na política, ou seja a mulher guineense não participava na política, não desempenhava um papel importante no estado. Para quem é guineense sabe que a discriminação da mulher começa no próprio lar familiar. Porque a mulher não podia trabalhar naquela altura, tinha obrigação de ficar em casa para desempenhar todas as tarefas domésticas, e casos de mulheres que não tinham sequer direito de frequentar a escola. Actualmente a mulher já trabalha, já participa activamente na política e até já ocupa papel importante no estado.

2 Hoje em dia a mulher guineense já se esforça para participar na vida política; A mulher guineense hoje já consegue dar a cara, para contar as suas situações e reivindicar os seus direitos na sociedade em que vive; Já consegue participar activamente nas iniciativas (conferências, debates, colóquios) que dizem respeito às mulheres.

Exigem-se direitos iguais entre homens e mulheres - igualdade de género. Já se reivindica contra a violência doméstica contra a mulher e contra o género feminino e a eliminação total das práticas da Mutilação Genital feminina na Guiné-Bissau;

Luta-se contra a desigualdade salarial entre homens e mulheres - (trabalho igual, salário igual);

É importante a eliminação de todo o tipo de discriminação contra a mulher guineense; Desenvolver brevemente acções de formações na Guiné-Bissau, para homens guineenses na área de igualdade de género.

3 Eu sou uma mulher que sabe o que quer da vida; que se esforça a todo o custo para conseguir o que faz

sentido na vida; uma mulher que não dá ouvidos, quando quer fazer uma boa iniciativa; sou uma mulher com iniciativas positivas, que luta pelos direitos das mulheres em geral e em particular das mulheres guineenses; uma mulher cheia de força de vontade, que gosta de sacrificar-se para conquistar tudo, mas também humilde, carinhosa, que dá força a quem precisa, que ama o próximo, que tem sempre vontade de ajudar os outros, social, comunicativa, simpática, que gosta de aprender com os outros e que gosta de todos.

4 O que gostaria de desempenhar na sociedade, é defender todas as mulheres em geral e em particular as mulheres guineenses, contra todo o tipo de discriminação na sociedade em que vivem.

5 É muito difícil conciliar a vida profissional com a vida familiar, eu tento equilibrar as duas coisas, embora às vezes ache que dou mais atenção a minha vida profissional. Há momentos em que sinto que abandonei a minha família. Só que tive sorte na vida, porque tenho um marido que me compreende muito nessas situações.

6 Nas próximas décadas, acho que o lugar da mulher na sociedade guineense irá mudar para melhor e daqui a 20, 30 anos, a mulher guineense irá conquistar a sociedade no seu todo.

7 Por um lado, acho que a mulher precisa de conhecer os seus direitos e deveres, enquanto mulher e mãe na sociedade. Por outro lado, queria que a mulher guineense se colocasse na posição chave, pois só assim poderá conduzir o mundo para felicidades.

8 O contributo especial que a mulher pode dar para a paz na Guiné-Bissau, é o seguinte: Em 1º lugar: a mulher tem que tomar a Guiné-Bissau como a sua casa, a sua propriedade privada. Não há nada mais bonito neste mundo



Presidente da Associação de Mulheres Guineenses, Lisboa

como estar dentro da sua própria casa, seja nas piores condições, na pobreza ou na riqueza, na tristeza ou na alegria é sempre a sua casa, nunca poderá rejeitá-la. Tem que unir as suas forças e pedir as forças de outras pessoas que querem o bem dos guineenses para procurar a paz e o bem-estar.

Eu enquanto mulher acho que a Guiné-Bissau está rejeitada pelos próprios guineenses, o que é muito triste e muito grave.

No meu ponto de vista, como mulher guineense, acho que nunca podemos abandonar a Guiné-Bissau - é o país onde todos nós nascemos e crescemos, seja como for é sempre nosso e nunca deixará de ser.

Em 2º lugar: a mulher como mãe, poderá orientar os seus filhos para a paz na Guiné-Bissau sim. Se a mulher se colocasse numa posição chave na Guiné-Bissau, poderá conquistar a paz para todos os guineenses. Para tal deve continuar a lutar para o lugar chave na sociedade guineense, só assim é que a mulher como mãe de todos os guineenses, poderá orientar os seus filhos, para um caminho de paz, sucessos, felicidades e tranquilidade na Guiné-Bissau para sempre.

Tenho plena certeza que vamos conseguir conquistar a paz na Guiné-Bissau sim, porque merecemos ser felizes.



HOMENAGEM A FIGURAS DE PAZ

Djari, Jovem e excepcional mulher das causas justas...

Fafali Koudawo

Ao longo de três anos de actividades ao serviço da paz, a Voz di Paz fez muitos amigos, e infelizmente perdeu muitos também.

Os primeiros amigos da Voz di Paz foram os membros dos Espaços Regionais de Diálogo (ERD). Estes embaixadores da paz criteriosamente escolhidos em todas as regiões tecem com a Voz di Paz uma rede cujas ramificações vão dos mais humildes aos mais influentes dos cidadãos, dos mais jovens aos mais velhos. Imbuídos de ideais de paz os membros dos ERD são o elo de ligação da Voz di Paz com as comunidades de base. Promovem ao longo do ano iniciativas de resolução de conflitos, actividades culturais e desportivas de aproximação dos cidadãos, etc. Assim, 10 ERD, integrados por cerca de 100 pessoas ao todo promovem ao longo do ano a cultura de paz na base.

Infelizmente, pouco depois do arranque das actividades, o ERD de Mansaba-Farim na região de Oio perdeu uma jovem e promissora pessoa. Djariatu Balde animadora de Kafo, a maior federação camponesa da Guiné-Bissau e jornalista da Rádio Comunitária Voz di Djalicunda morreu inexplicada e repentinamente a 1 de Abril de 2008, deixando uma imensa saudade em todos os que algum dia a conheceram.

Recrutada aos 20 anos por Sambu Seck no Centro de Formação Camponesa de Djalicunda, Djariatu Baldé alargou em 7 anos, o campo dos préstimos e responsabilidades ao ponto de se



Djari na 1ª Reunião geral dos membros dos espaços regionais de diálogo (ERC)



tornar a pessoa central de todas as actividades: rádio, património, formação, transformação de produtos, etc. Ela era central não por expansão açambarcadora, mas simplesmente porque era a alma do Centro. Contactada para integrar o ERD da Voz di Paz, ela mostrou uma total entrega e abnegação ao serviço da causa da Paz, fazendo uma natural ligação entre as suas actividades profissionais, a sua maneira de estar em sociedade e a sua paixão pelas causas justas.

Morreu de repente deixando um vazio enorme nas nossas almas.

Djaricunda jamais será como antes

«Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses, l'espace d'un matin.»

Esta frase do poeta francês Victor Hugo, lamentando a morte prematura da sua querida filha, desaparecida em plena força da juventude, recorda estranhamente a vida de Djariatu Baldé. Tal como uma rosa delicada, ela “viveu o tempo que vivem as rosas, o espaço de uma manhã”. Pois, flor mais procurada e amada, a rosa sempre vive o seu esplendor durante um tempo muito curto.

A saudade incomensurável que deixa Djari será dificilmente compensada no coração de todos aqueles que conheceram esta jovem excepcional, sorridente, nunca com excesso, atenciosa, jamais com exagero, amável sem forçar a sinceridade da sua natureza, amiga sem vulgaridade, aplicada no trabalho sem pretensão, útil, com uma delicada discrição.

Os germes da amizade que ela semeou nas pessoas mais humildes como nas mais distintas darão frutos que continuarão a sua obra tão simples, tão intensa, tão útil à humanidade, pois útil para as mulheres e os homens mais humildes.

Adeus, Filha. Para todos, Djaricunda jamais será o mesmo.

ECO da Voz di Paz I DI NÓS!



Jacqueline Rodrigues - Lisboa, Portugal



Membro ERD de Tombali, Guiné-Bissau



Membro ERD de Quinará, Guiné-Bissau



Nel Will (lú) Katar Mady
Maryland, EUA



Membro ERD Tombali, Guiné-Bissau




Membro ERD de Tombali, Guiné-Bissau



D. Lina. Proprietária Café «Bo Na Fia», Portugal



Armando Pereira - Londres, Inglaterra

Escreva para a
 **ECO da Voz di Paz**
envie-nos os seus artigos, notícias, sugestões,
comentários e fotografias diversas para o
correio electrónico vozdi paz@gmail.com
Contamos com a sua participação!

FICHA TÉCNICA: Eco da Voz di Paz - Boletim Informativo Proprietário: Voz di Paz - Iniciativa para a Consolidação da Paz Coordenador: Fafali Koudawo Editora: Joacine Katar Moreira; Redactores: Fafali Koudawo; Joacine Katar Moreira; Concepção gráfica e fotocomposição: Joacine Katar Moreira Número: 2 Data: Abril 2010 Local: Guiné-Bissau Periodicidade: Mensal - versão electrónica; bimestral - versão impressa Tiragem: 2000 exemplares

Parceiro: Interpeace

Financiado pelo Governo da Finlândia